



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HELLEN CRISTINA DE CASTRO CONCEIÇÃO

O COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD E MELANIE KLEIN

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2022

Hellen Cristina de Castro Conceição

O Complexo De Édipo Em Freud E Melanie Klein

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT – *Campus* Universitário de Miracema para obtenção do título de bacharel, sob orientação do Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio.

Orientador: Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio.

Miracema do Tocantins, TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C744c Conceição, Hellen Cristina de Castro.
O Complexo De Édipo Em Freud E Melanie Klein. / Hellen Cristina de
Castro Conceição. – Miracema, TO, 2022.
39 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2022.

Orientador: Eloy San Carlo Maximo Sampaio Sampaio

1. Complexo de Édipo. 2. Freud. 3. Klein. 4. Psicanálise. I. Título

CDD 150

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

HELLEN CRISTINA DE CASTRO CONCEIÇÃO

O COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD E MELANIE KLEIN

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT – *Campus* Universitário de Miracema, Curso de Psicologia foi avaliada para obtenção do título de bacharel e aprovada em sua forma final pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 05 / 12 / 22.

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 ELOY SAN CARLO MÁXIMO SAMPAIO
Data: 10/03/2025 18:31:52-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Eloy San Carlo Máximo Sampaio (Orientador), UFT

Documento assinado digitalmente
 VITOR HUGO ABRANCHE DE OLIVEIRA
Data: 06/03/2025 20:25:36-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Vitor Hugo Abranches de Oliveira, UFT



Prof. Me. Fernando Figueiredo dos Santos e Reis, UniEvangélica

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Laires e Gilmar, pelo apoio e dedicação durante essa trajetória. Certamente cada passo que eu dou levo um pouco de vocês comigo. Muito obrigada.

Aos meus irmãos, Amanda e Matheus, pelas palavras, sorrisos e gentilezas. Vocês me fortalecem.

Ao meu parceiro, amigo e namorado, Daniel Berg, por ter tornado esse processo menos solitário, pelas palavras e pontuações, pelo carinho e amor. Sorrisos e abraços entre uma crise e outra.

Às minhas amigas, Thays, Larissa, Victoria, Gleicy, Geovanna, pelas surpresas, diversão, companhia e paciência.

Ao Prof. Dr. Eloy Sampaio, pela orientação, escuta e paciência nesse período tão caótico. Com certeza meu percurso na psicanálise se tornou mais rico depois dessa experiência.

RESUMO

Tendo em vista que o complexo de Édipo é um conceito fundamental no pensamento psicanalítico, pois nele são amarradas noções de pulsão, do desenvolvimento da sexualidade humana e da constituição psíquica, o presente trabalho tem como objetivo investigar a construção da noção edípiana nas obras de Freud e Klein. Como Freud concebeu o princípio basilar a partir da narrativa poética de Sófocles? Quais as contribuições de Klein para o fenômeno edípico? Quais as convergências e divergências entre os autores? Propomos responder essas perguntas por meio de uma pesquisa bibliográfica. Primeiramente apresentamos o complexo de Édipo em ordem cronológica nos seguintes textos freudianos; *Publicações pré-psicanalíticas* (1886-1899/1996); *Interpretação dos Sonhos* (1900); *Três ensaios* (1905); *Análise da fobia de um garoto de cinco anos (O pequeno Hans)*, de 1909; *Totem e tabu* (1913); *Eu e o Id* (1923), *A dissolução do complexo de Édipo* (1924); *Sobre a sexualidade feminina* (1931). Em seguida discorremos sobre a temática na obra kleiniana utilizando os seguintes artigos: *Estágios iniciais do conflito edípiano* (1928), *Estágios iniciais do conflito edípiano e da formação do superego* (1932), *Uma contribuição da psicogênese dos estados maníaco-depressivo* (1935), *O luto e as suas relações com o estado maníaco-depressivo* (1940), *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas* (1945). Por último, ressaltamos pontos comuns e discordâncias entre os psicanalistas acerca do complexo de Édipo.

Palavras-Chave: Complexo de Édipo. Freud. Klein. Psicanálise.

ABSTRACT

Bearing in mind that the Oedipus complex is a fundamental concept in psychoanalytic thinking, as the notions of development, the development of human and psychic sexuality are tied to it. The present work aims to investigate the construction of the oedipal notion in the works of Freud and Klein. How did Freud conceive the basic principle from Sophocles' poetic narrative? What are Klein's contributions to the oedipal phenomenon? the convergences and divergences between the authors? We propose to answer these questions through a bibliographic research. we present the Oedipus complex in chronological order in the following basically Freudian texts; Pre-psychoanalytic publications (1886-1899/1996); Interpretation of Dreams (1900); Three essays (1905); Analysis of the phobia of a five-year-old boy (Little Hans), 1909; Totem and Taboo (1913); I and I (1923), The Prison of the Oedipus Complex (1924); On Female Sexuality (1931). Then, we discuss the Kleinian work using the following articles: Early stages of the Oedipal conflict (1928), The Oedipus complex and maximum sadism (1932), A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states (1935), Mourning and its relations with the manic-depressive state (1940), The Oedipus complex in the light of archaic anxieties (1945). Finally, we emphasize common points and disagreements among psychoanalysts about the Oedipus complex.

Keywords: Oedipus complex. Freud. Klein. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	METODOLOGIA	9
3	O COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD	11
3.1	Complexo de Édipo e a teoria da sedução	11
3.2	O complexo de Édipo e os Três ensaios (1905).....	13
	Complexo de Édipo em “Análise da fobia de um garoto de cinco anos “O pequeno Hans” (1909).....	15
3.3	O complexo de Édipo em Totem e Tabu (1913)	16
3.4	Herdeiro da relação triangular.....	18
3.5	Complexo de Édipo e a feminilidade.....	20
4	COMPLEXO DE ÉDIPO EM MELANIE KLEIN	22
4.1	Primeiras formulações.....	22
4.2	Complexo de Édipo e a fase da feminilidade em “ Estágios iniciais do conflito edipiano” (1928).....	23
4.3	O Complexo de Édipo e o sadismo máximo	25
4.4	Posição depressiva	28
4.5	Posição esquizo-paranóide	29
5	COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD E MELANIE KLEIN.....	32
5.1	Complexo de Édipo e a pulsão	32
5.2	Complexo de Édipo e a identificação	33
5.3	Complexo de Édipo e o superego.....	34
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Compreendemos que o complexo de Édipo é um conceito central na teoria psicanalítica e que Freud chegou à conclusão que o enamoramento por um dos pais e o ódio pelo outro gera conflitos psíquicos que perduram até a vida adulta. Mas como Édipo ascendeu de mito para conceito psicanalítico? O que torna essa ideia tão essencial para psicanálise? Qual foi o percurso histórico deste conceito na teoria? Como outros autores contribuíram para a noção psicanalítica? A intenção aqui não é pesquisar a visão de todos os autores da psicanálise a respeito do tema, por isso vamos limitar a pesquisa às obras de Sigmund Freud e Melanie Klein.

Tendo isso em mente, nota-se que investigar o complexo de Édipo significa se debruçar sobre uma das principais formulações do método psicanalítico, logo, desenvolver uma revisão desse conceito é crucial para as reflexões da teoria. Entretanto, antes de iniciarmos convidamos o leitor a relembrar a produção poética de Sófocles, de modo que facilite a associação entre o conceito do complexo de Édipo e a tragédia grega.

Por volta de 430 a.C. a peça teatral Édipo Rei foi apresentada pela primeira vez em Atenas, na Grécia. Sófocles compôs a trama baseada na lenda grega do herói Édipo; nela, o poeta narra a busca do personagem pela verdade envolta da maldição que assola Tebas¹. Laio, pai de Édipo, foi alertado por Delfos que seria assinado pelo próprio filho e que este se casaria com Jacosta. O herói grego já tinha seu destino traçado antes de nascer. Ainda bebê, foi entregue para um pastor com o objetivo de que ele o matasse, mas com pena, o carrasco somente feriu o pé de Édipo e o pendurou de ponta cabeça em uma árvore.

Um pastor de Corinto passando pela estrada, vê a criança ferida na árvore e resolve levá-la aos reis Pólito e Peribéia, onde Édipo acaba sendo adotado por eles. Quando chega na idade adulta, o herói começa a buscar por sua história de sua origem e recorre ao oráculo Delfos, que comunica ao protagonista a sentença de que ele está destinado a matar o pai e tomar sua mãe como esposa. Na intenção de evitar a profecia, Édipo foge para Tebas, no caminho cruza com Laio (seu pai biológico), o encontro termina no assassinato de Laio. Assim, sob o véu da ignorância, Édipo acaba cumprindo a primeira parte da profecia. Chegando a Tebas, o protagonista desvenda o enigma da esfinge e salva a cidade de Tebas, como presente recebe a mão da rainha Jacosta e a segunda parte da profecia é cumprida.

A cidade fica em paz e harmonia por um período até que uma peste começa a atacar o povo. Édipo vai novamente ao encontro de Delfos que dessa vez revela que cidade sofre o

¹ Toda referência à tragédia grega será retirada de SÓFOCLES. A trilogia tebana. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

castigo em razão dos crimes cometidos pelo próprio rei - o parricídio e o incesto. Assim que Édipo descobre a terrível verdade, sente-se tomado pela vergonha e a culpa, em consequência disso o protagonista perfura os próprios olhos.

Segundo Jones (1989), Freud era um leitor ávido das obras clássicas, o resquício dessa paixão está perpetuada em referências e analogias semeadas por todo trabalho psicanalítico: *Hamlet*, de Shakespeare; *Os irmãos Karamazov*, de Dostoiévski; e *Fausto*, de Goethe são exemplos disso e, semelhantes à trama edípica, são obras que retratam o sujeito perante o sentimento de culpa. Logo, nota-se que Édipo Rei tomou uma proporção diferente no pensamento freudiano. A tragédia apresentada por Sófocles foi designada para nomear um dos fenômenos responsáveis pela organização do aparelho psíquico: complexo de Édipo.

O complexo de Édipo em Freud representa o período no desenvolvimento sexual infantil em que a criança nutre sentimentos de caráter erótico por uma das figuras parentais e simultaneamente possui ciúmes e deseja a morte da outra. Em outras palavras, é um triângulo amoroso que ocorre na fase fálica entre a figura paterna, a figura materna e o filho. Segundo Freud (1924), na versão positiva do complexo de Édipo, a criança ama a figura do sexo oposto e odeia a figura parental do mesmo sexo, já na versão negativa ama a figura do mesmo sexo e odeia a do sexo oposto. Junto a isso, o núcleo edípico é constituído pelo complexo de castração, que nada mais é do que a renúncia da criança do seu modo de satisfação em prol da sua integridade, pois esta teme ser castigada devido ao crime cometido em sua fantasia inconsciente: o parricídio e o incesto.

Apresentado um pouco sobre os primórdios do conceito edípico, partimos para a concepção do tema na obra de Klein. A psicanalista atribui ao acontecimento edípico uma posição central na constituição do sujeito e amplia os efeitos do fenômeno quando o traz para uma idade precoce. Freud (1924), postulava que o complexo de Édipo ocorria por volta dos cinco anos, Klein (1945), por sua vez, demarcou que a narrativa edípica dá início nos primeiros meses de vida da criança. Para ela, o pai e mãe no princípio é uma figura combinada que entusiasma e gera temor. O palco desse drama é o corpo da mãe, que possui em si os objetos que representam os personagens dessa tragédia: o pênis do pai e o seio. Posteriormente discutiremos demoradamente sobre as mudanças que essas novas informações repercutem na estruturação psíquica. Por ora, ressaltamos que abordaremos como Klein abrangeu e atualizou o sentido da trama edípica e como Freud construiu e fortaleceu o conceito no pensamento psicanalítico.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objetivo investigar e analisar a ampliação do conceito complexo de Édipo na obra de Freud a Klein através de uma pesquisa bibliográfica. Sabemos que pesquisar qualquer princípio basilar na obra freudiana é uma tarefa laboriosa, provavelmente isso seja consequência do estilo do autor em conjunto com a preocupação de consolidar a teoria que inaugurou. As publicações de Freud são compostas de perguntas e respostas que mudam com o passar dos anos e quem é fisgado pela psicanálise se vê na tarefa não só de compreender um conceito, mas de posicionar tais ensinamentos numa teia complexa de reflexões, tendo como pano de fundo a história humana (MONZANI, 2014).

Sendo assim, para estudar um conceito nas publicações de Freud, não basta ler uma quantidade de textos, pois na maior parte das vezes a apreensão da teoria advém da elucidação do movimento que o autor produz. Freud nos convida a pensar e a refletir com ele, consegue nos levar no texto como se nem ele mesmo soubesse o caminho, mas, quando terminamos o escrito, notamos que nada mais, nada menos fomos levados ao bel prazer de um grande maestro (MONZANI, 2014).

É como se Freud nunca tivesse parado de escrever cartas ao longo de sua carreira, como se ele só tivesse mudado o destinatário: de Fliess para os amantes da teoria psicanalítica. Por isso, um dos objetivos que esse trabalho propõe é mapear a construção histórica do conceito de complexo de Édipo. Primeiramente em Freud e posteriormente em Klein. Dessa forma, ressaltamos que, mediante o objetivo de aprimorar e abranger o conhecimento a respeito do complexo de Édipo de Freud a Klein, utilizamos como método de investigação de pesquisa bibliográfica.

Iniciamos, então, apresentando os textos pré-psicanalíticos: momento em que Freud utilizou pela primeira vez o termo *Oedipus Rex* e demonstrou inquietações que acarretaram na formulação do conceito edipiano. Somado a isso, em *Interpretação dos Sonhos* (1900), propomos colocar em evidência o pensamento freudiano sobre a elaboração da trama edipiana a partir da narrativa de Sófocles, o Rei Édipo. Logo mais, tomaremos as obras que delimitaram esse conceito no pensamento freudiano. Nos *Três ensaios* (1905), Freud confere ao complexo de Édipo grande destaque no arranjo da pulsão sexual do sujeito, em 1909, no texto *Análise da fobia de um garoto de cinco anos (O pequeno Hans)*, de 1909, trouxemos o cerne desse arranjo: o complexo de castração. Ambas obras enfatizam a importância do complexo de Édipo no desenvolvimento sexual.

Destacamos que na produção freudiana observamos que após um longo período

trabalhando a temática edípica na vida subjetiva, a ideia revela força para pensar a estruturação social. Na obra *Totem e tabu* (1913), pretendemos destacar como essa lógica explica os interditos sociais. Depois, já nas últimas reflexões de Freud, demonstramos como a cena edípica ganha seu próprio texto, intitulado *A dissolução do complexo de Édipo* (1924). Depois, ressaltamos as contribuições desse conceito para organização do aparelho psíquico no artigo de 1923, *Eu e o Id*. Assim, pontuamos como o complexo de Édipo foi pensado na vida da menina a partir do escrito *Sobre a sexualidade feminina* (1931).

Em Klein, decidimos começar expondo um breve apanhado das primeiras formulações da autora, como Petot (2001) denomina; o sistema protokleiniano. Em sequência, discorreremos sobre a fase da feminilidade em seu trabalho de 1928, *Estágios iniciais do conflito edípico*. Pontuamos também a respeito do sadismo no escrito *Estágios iniciais do conflito edípico e da formação do superego* (1932). Por último, propomos expor concepções básicas da teoria das posições utilizando os seguintes textos: *Uma contribuição da psicogênese dos estados maníaco-depressivo* (1935), *O luto e as suas relações com o estado maníaco-depressivo* (1940), *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas* (1945). Ao rever o conceito nas obras de Freud e Klein partimos para a terceira e última etapa deste trabalho, que visa marcar as convergências e divergências entre os psicanalistas acerca do complexo de Édipo. Decidimos destacar três aspectos fundamentais no conceito edípico: a pulsão de morte, o processo de identificação e a constituição do superego.

3 O COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD

3.1 Complexo de Édipo e a teoria da sedução

A teoria de sedução é um conjunto de ideias apresentada nos primeiros escritos da teoria psicanalítica que propõe pensar o acontecimento sexual na etiologia da neurose e a origem do recalque (FREUD, 1886-1899/1996). Anterior ao pensamento psicanalítico e longe da amálgama religiosa, a histeria se apresentou para a medicina como um desafio, principalmente para os neurologistas, que aquela altura não conseguiam compreender a gênese de uma neuropsicopatologia que era capaz de transformar a fisiologia do sistema nervoso sem alterá-lo substancialmente (FREUD, 1886-1899/1996). Até então, o fenômeno da neurose era explicado pela hereditariedade e a vivência sexual do paciente histérico.

O fator hereditário consistia em considerar se algum membro da família tinha epilepsia, psicose ou alguma doença nervosa, enquanto a relação familiar entrava como elemento agravante da neuropsicopatologia: “o alarme ou o excesso de preocupação dos pais ou parentes só fazem aumentar a excitação ou a tendência do paciente, quando nele existe uma modificação psíquica, a exibir sintomas mais intensos” (FREUD, 1886-1899/1996, p. 47). Já na esfera da sexualidade, o desenvolvimento sexual do paciente era averiguado a fim de saber se havia uma evolução/amadurecimento patológico ou se apresentava alguma inibição ou disfunção na vivência sexual.

Podemos perceber, então, que, antes da teoria psicanalítica ser consolidada, os aspectos referente a relação familiar e as vivências da esfera sexual já eram elementos em destaque na investigação para entender a neurose. É nesse ponto que o conceito edípiano se encontra com a teoria de sedução, ambos aparecem com a função de deixar nítido os detalhes do desenvolvimento sexual e o papel da família no desencadeamento da neurose. A teoria da sedução se localiza num tempo anterior à psicanálise, ela se encontra nos primeiros escritos, nas noções iniciais, enquanto o conceito edípiano se fortalece à medida que a teoria psicanalítica ganha substância.

Dessa maneira, a teoria da sedução afirmava que a criança sofria passivamente uma estimulação sexual que advém de algum adulto e, por falta de maturidade psíquica, a situação não é elaborada e em consequência disso é recalçada (FREUD, 1886-1899/1996). Diferente do fenômeno edípico, a teoria de sedução insere o acontecimento sexual na vida infantil como uma experiência traumática, vivida de maneira passiva mediante uma ação concreta. Segundo Freud (1886-1899/1996), essa lógica infere incongruências que afetam a veracidade da teoria, uma

delas é de intuir que todo pai é perverso.

Deste modo, o autor confia a Wilhelm Fliess, na carta 69, a hipótese de que a teoria de sedução não pode explicar a etiologia da neurose, pois não apresenta argumento suficiente para fundamentá-la. Assim, com a teoria de sedução posta de lado em razão da fragilidade teórica, Freud opta por pensar a história da primeira relação erótica que acontece na infância a partir do mito de Rei Édipo, “Édipo diz respeito ao *desejo* [sexual]” (GARCIA-ROZA, 2009, p.217).

Entretanto, a teoria não foi perdida. Orientado pela noção de que havia um acontecimento marcante na vida infantil de natureza sexual, o autor descreve suas primeiras reflexões sobre o mito Édipo Rei e os fenômenos psíquicos. Na carta 71, de 1897, o autor declara que em sua auto-análise identificou o amor pela mãe e concluiu que o enamoramento por um dos pais e o ciúme do outro é de caráter universal, “sendo assim, podemos entender a força avassaladora de *Oedipus Rex*²” (FREUD, 1897/1990, p.155). O mito de Édipo ascende em cada um o horror de um dia ter cometido o mesmo crime que o protagonista: amar as figuras parentais: “Não o amor fraterno, mas o erótico” (FREUD, 1897/1990, p.155).

O conceito edipiano se apresentou como uma associação entre um determinado acontecimento observado na experiência analítica - o apaixonamento por uma das figuras parentais e o desejo de morte para com a outra - e o mito Édipo Rei. Em 1900, na obra *A interpretação dos sonhos* o autor coloca:

Segundo minhas já numerosas experiências, os pais representam o papel principal na vida psíquica infantil de todos os que mais tarde se tornarão psiconeuróticos, e apaixonar-se por um deles e odiar o outro faz parte da reserva permanente de material de moções psíquicas formado nessa época e que é tão importante para a sintomatologia da neurose posterior. (FREUD, 1900/2017, p. 283)

Para Freud (1900/2017), o Rei Édipo gera identificação entre o público e o protagonista, pois “talvez todos nós tenhamos sido chamados a dirigir a primeira moção sexual à mãe, o primeiro ódio e desejo violento contra o pai; nossos sonhos nos convencem disso” (FREUD, 1900/2017, p. 285). Apreciar o mito de Édipo é promover um reencontro com nossos desejos mais íntimos: desejos da vida psíquica infantil que persistem na vida adulta e nos sonhos dos pacientes. Na concepção do autor, quando contemplamos Édipo Rei estamos olhando para o destino de alguém que é castigado por não conseguir abdicar do desejo primevo que todos nós experimentamos na infância - o incesto e o parricídio.

Ainda em *A interpretação dos sonhos* (1900/2017), o psicanalista deixa evidente que os conflitos da vida adulta resultam do recalque desse desejo, mas não podemos correr o risco de

² Édipo Rei.

simplificar a teoria edipiana de modo que só consigamos olhar para a problemática de que o filho se apaixona pela mãe e a filha pelo pai ou vice-versa. Quando o autor resgata a lenda de Édipo Rei e expõe que a narrativa de Sófocles é fruto onírico:

Aprendemos [...] que os desejos sexuais da criança - na medida em que, em estágio embrionário, mereçam esse nome - despertam bastante precocemente e que a primeira inclinação da menina se dirige ao pai e os primeiros apetites infantis do menino à mãe. [...] Em geral, a escolha sexual já se faz valer nos pais. (FREUD, 1900/2017, p. 280)

Em resumo, com a teoria de sedução posta de lado em razão da fragilidade teórica, Freud opta por pensar a história da primeira relação erótica que acontece na infância. Uma aproximação entre o conceito edipiano e a teoria de sedução é a proposta de ambos, isto é, pensar sobre a vida sexual no período da infância levando em consideração a relação familiar para além do fator hereditário. O fenômeno edípico não é um conceito tentáculo da teoria de sedução, mas existem pontes entre as duas reflexões; sabemos como a noção de fantasia derivada da teoria de sedução é um ponto nodal para se pensar a ambivalência do desejo humano e a proporção psíquica deste, já que a vontade de realizar o incesto e o parricídio não é aniquilada, mas sim abdicada.

3.2 O complexo de Édipo e os Três ensaios (1905)

Pesquisando a dimensão erótica no período da infância, Freud apresenta, em 1905, os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Na obra, o autor se debruça sobre a manifestação da sexualidade na vida adulta e infantil, faz referências ao mito do Rei Édipo, a noção de sexualidade é subvertida e o conceito de pulsão é introduzido. A partir das reflexões a respeito da organização pulsional, o conflito edipiano se torna balizador da sexualidade.

Segundo Laplanche e Pontalis (2016), a pulsão retira o domínio da sexualidade humana dos órgãos reprodutores e a traz sob a perspectiva de um processo regido por uma força que busca ser satisfeita. Ela é estruturada a partir de uma tentativa permanente de suprir uma pressão constante que surge em razão de uma tensão no território corporal, como a fome, sede, dor, entre outros. O aumento dessa tensão é vivenciado como desprazer e à medida em que essa diminui, que o objeto de sua meta é alcançado, há a sensação de prazer. Nos *Três ensaios* (1905/2016), é ressaltado que as primeiras experiências de caráter sexual estão vinculadas aos cuidados exercidos para garantir a segurança e sobrevivência do bebê: “A atividade sexual se apoia primeiro numa das funções que servem à conser-vação da vida, e somente depois se torna independente dela” (FREUD, 1905/2016, p. 86).

Assim, o prazer na sexualidade infantil não é obstruído por sentimentos análogos à vergonha ou ao nojo. A busca de satisfação nesse período tem como objetivo estimular zonas erógenas; para a criança seu pequeno corpo é a fonte de prazer e não existem regras descrevendo como, onde ou quando obter essa satisfação. O primeiro vínculo sexual da criança, que se dá entre ela e a figura materna, nasce nesta circunstância, e o complexo de Édipo aparece como responsável por formatar a sexualidade perversa, polimorfa e autoerótica infantil, como é descrito pelo autor: “Não é sem boas razões que a criança a mamar no seio da mãe se tornou o modelo de toda relação amorosa. A descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta” (FREUD, 1905/2016, p.143).

Nas fases psicosexuais descritas nesta obra, é sublinhado que na fase fálica o amor e ódio por um dos pais submete a criança a escolha objetal, que por sua vez conflui na organização sexual. Essa ideia de organização sexual guarda o sentido de experimentar o prazer ou desprezar sob as regras sociais que geram o sentimento de pudor e regulam a vida civil:

Tivemos então de comprovar, numa das mais sur-preendentes descobertas, que esse primeiro florescimento da vida sexual infantil (dos dois aos cinco anos de idade) também produz uma escolha de objeto com todas as suas ricas realizações psíquicas, de modo que a fase a ele relacionada, que corresponde a esse período, deve ser vista como importante precursora da organização sexual definitiva, apesar da síntese imperfeita dos componentes instintuais e da incerteza da meta sexual. (FREUD, 1905/2016, p. 159).

Em conjunto com esse primeiro resquício edipiano, no qual a criança erotiza a relação com a mãe e o prazer é obtido na ausência de leis sociais, surgem as teorias sexuais infantis, que procuram responder às problemáticas do campo sexual. O conteúdo dessa pesquisa ainda não se desenrola com a finalidade de descobrir a diferença dos sexos, pois nessa etapa não existe uma diferença entre masculino e feminino, entretanto há ideia de passivo e ativo.

A problemática em torno das pesquisas que a criança realiza é direcionada para perguntas que revelam como nasce um bebê, já que a existência de outra criança evoca questões sobre sua própria existência e o amor que é destinado para si (FREUD, 1905/2016). A ameaça de perda do amor é ponto central no complexo de Édipo, pois remete a angústia de castração: “O medo das crianças não é outra coisa, originalmente, senão a expressão da falta que sentem da pessoa amada” (FREUD, 1905/2016, p. 145). Nesse momento, além do autor detalhar propriedades do fenômeno edipiano, também apresenta reflexões das possíveis causas que interrompem o incesto.

Em síntese, Freud (FREUD, 1905/2016), nesse contexto, traz informações que apontam a relevância do conceito na teoria psicanalítica. Apesar de não direcionar um texto específico para o complexo de Édipo, esse fenômeno aparece como principal fator na organização sexual,

no sentido de que lhe é conferido a relação entre a criança e os pais o principal modelo de amar na vida adulta; a relação erótica entre eles organiza a maneira de experimentar o prazer na cultura. Até então, o psicanalista não se aprofunda nos detalhes sobre a diferença do vínculo erótico do menino e da menina para com os pais, mas esclarece que a escolha objetal feita na infância repercute por toda a vida em ambos.

Complexo de Édipo em “Análise da fobia de um garoto de cinco anos “O pequeno Hans” (1909)

Em 1909, *Análise da fobia de um garoto de cinco anos “O pequeno Hans”*, Freud discorre a respeito do complexo de castração e afirma colocações anteriores sobre a vontade que existe na tenra infância de eliminar uma das figuras parentais e prol de alcançar a exclusividade da atenção e do amor da outra: “ele é realmente um pequeno Édipo, que gostaria de ter o pai “longe”, eliminado, a fim de ficar só com a mãe, de dormir com ela” (FREUD, 1909/2015, p. 245). Green (2007) ressalta que o acontecimento é o cerne da trama edipiana, pois os complexos - Édipo e castração - se atraem e ressoam entre si, a experiência evoca a eleição do objeto de amor, pois é por meio dela que a criança vai responder o dilema do incesto e do parricídio.

Garcia-Roza (2009) evidencia que a fase fálica é a guardiã da ameaça de castração, uma vez que nesse estágio instaura-se a diferença sexual. Em consequência disso, para o menino, o pênis ganha um valor narcísico inestimável, já para a menina, a ausência do pênis causa a sensação de inferioridade, nomeada pelo autor como "inveja do pênis"; a menina se revolta contra a mãe por tê-la feito assim, mais tarde o desejo de ter um filho se torna equivalente ao desejo de possuir o pênis (Garcia-Roza, 2009; Zalcberg, 2003).

Nesse período caótico de incerteza e desejo intenso, Hans se ocupa da tarefa de descobrir de onde vem os bebês, do enamoramento por sua mãe, do ciúmes da irmã e das atitudes agressivas em relação ao pai (FREUD, 1909/2015). O caso de Hans chega até Freud em razão do desenvolvimento da fobia de cavalos, o sintoma que representa os impulsos agressivos à figura paterna e retém privilégios com a mãe, seu objeto de amor. Freud (1909/2015) observa que na relação familiar do menino repousa as hipótese sobre a sexualidade. Hans intui que o pai tivera um papel muito significativo no nascimento da irmã, entretanto o garoto não compreende o enigma da irmã ser do pai e da mãe simultaneamente, se ela nasceu da mãe.

Somado a isso, a presença do pai o priva de seu objeto de amor, pois, quando o pai

estava, Hans não dormia com a mãe, quando o menino questionou ao pai sobre o nascimento de Hanna, este prefere omitir a verdade e opta por narrar uma fábula que associava o nascimento da menina com cegonhas (FREUD, 1909/2015). Esconder o conhecimento do garoto e proibir que ele dormisse com mãe dava sinal de que o pai era dotado de uma autoridade que o permitia tomar decisões para o próprio prazer: “o pai não apenas sabia de onde vêm os bebês, ele também fazia realmente aquilo que Hans apenas intuía vagamente.

O faz-pipi devia ter algo a ver com isso” (FREUD, 1909/2015, p. 269). Ainda na concepção do autor, supondo que o pênis tem uma posição privilegiada nessa equação, o confronto com a diferença sexual promove à criança a experiência de amar e odiar uma figura que possui o poder de concretizar a ameaça de castração feita ao pequeno quando acaricia seu próprio membro.

Nota-se que a ameaça de castração só surte efeito se o pai é revestido de autoridade para tal, e é na fase fálica que o membro possui investimento libidinal suficiente para a operação. O complexo de castração marca o desejo de incesto e parricídio com o selo da proibição e direciona a uma escolha de objeto (Laplanche e Pontalis, 2016). Hans abdica do amor que sente pela mãe e aceita o interdito do pai, o complexo de castração retira o menino da lógica edípica, já no caso da menina acontece o inverso; sob a premissa de que a mãe a privou do pênis, ela se lança ao pai em busca do objeto que falta (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Ambos, de qualquer modo, são afastados da mãe por meio do complexo de castração. Esse distanciamento dobra a sexualidade infantil em adulta e a submete a serviço da cultura. O pequeno Hans, foi o caso no qual Freud se deparou com o fenômeno e as reflexões a respeito do tema ampliaram o conhecimento do complexo de Édipo, trouxe esclarecimento sobre o percurso edípico na vida do menino e da menina.

3.3 O complexo de Édipo em Totem e Tabu (1913)

Investigando o modo de vida de algumas sociedades tradicionais (aborígenes da Austrália), em Totem e tabu, de 1913, o autor se depara com um sistema de organização social estruturando a partir da proibição do incesto denominado sistema do totemismo. Freud (1912-1913/2012) sublinha que apesar de manter uma organização rudimentar na área de construção, de agricultura entre outros, quando se trata de arquitetar maneiras de extirpar qualquer intercuro sexual entre parentes, os povos surpreendente, pois a comunidade tradicional têm tanto horror ao incesto quando a comunidade civil e acaba produzindo um sistema minucioso que afasta qualquer membro do clã da atividade tão repudiada (FREUD, 1912-1913/2012). Ele

então se questiona por qual razão uma comunidade que não carrega as marcas da moral civilizada demonstra ser tão severa com as interdições da vida sexual.

O sistema do totemismo reparte clãs de acordo com um totem³, os seus membros são proibidos de ferir ou matar esse totem, as pessoas que possuem um semelhante não podem ter relações sexuais e são proibidas de se casarem. Esse sistema afasta qualquer possibilidade de incesto e também arranja uma margem de segurança para não ocorrer nenhuma relação sexual em nenhum grau de parentesco (FREUD, 1912-1913/2012). É evidenciado que nessa configuração a figura de autoridade e o sagrado suscitam concomitantemente o sentimento de perigo, proteção, amor e temor.

Por meio dessa observação é traçado um paralelo entre a vida do neurótico e os povos tradicionais: ambos evidenciam o trabalho na vida psíquica que os anseios do incesto produz. Esta atividade, como apresentado, constitui uma mudança subjetiva e social. Freud (1912-1913/2012) nos mostra como as proibições obsessivas fazem alusão ao tabu e aponta como as relação dos povos tradicionais para com as figuras de autoridade deriva da vivência infantil entre a criança e seu pai, isto é, o medo e o temor ainda permanece muito presente na organização social. Porém, apesar de carregarem o mesmo núcleo - a problemática do incesto, a criação cultural não é uma neurose (FREUD, 1912-1913/2012).

Essa obra associa explicitamente a ambivalência presente no complexo de Édipo, os interditos são equivalentes à vontade de rompê-los, ou seja, quanto mais desejo, mais severa será a lei para tentar proibir a ação. O Tabu está a serviço da necessidade de intervir uma ação que deseja ser feita, porém o asco envolvido nesse ímpeto impede de que a mesma seja posta em prática. Freud (FREUD, 1912-1913/2012) demonstra como a lógica totêmica é constituída dos princípios edipianos: proibir de se casar com a mulher do mesmo clã totêmico protege do crime que Édipo cometeu. Cabe destacar aqui os comentários sobre a refeição totêmica, que se equipara ao processo de identificação com a figura paterna. Nessa refeição o animal totem é ingerido na esperança de transmitir sua força para aquele que dele se alimenta (FREUD, 1912-1913/2012).

Outro ponto relevante nesse escrito freudiano para a estruturação do conceito do complexo de Édipo, circunda no mito da horda primitiva. O mito traz informações relacionadas ao desejo parricida e incestuoso, itens basilares das relações edípicas. Essa narrativa certifica as tendências edipianas e justifica o nascimento da cultura: “sem dúvida, o violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a

³Recorrentemente o totem é um animal, planta ou elemento da natureza que está vinculado ao clã.

identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força” (FREUD, 1912-1913/2012, p. 141). A produção mítica trata especificamente do processo de identificação com o pai morto, iremos abordar esse assunto posteriormente.

Exposto nas produções oníricas, nas fantasias infantis e nas produções culturais, o vínculo erótico com os pais na vida infantil se torna, para Freud (1912-1913/2012), um fenômeno universal. Para ele, independente do lugar, todos passam por essa experiência, mais do que viver essa narrativa, o ser humano carrega as marcas dela. Os detalhes de quando o complexo de Édipo ocorre ainda pertence ao campo de incerteza, como apresenta Laplanche e Pontalis (2016):

No início, a idade em que se situa o complexo de Édipo permaneceu relativamente indeterminada para Freud. Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, 1905)* por exemplo, só na puberdade a escolha objetual se efetua plenamente, e a sexualidade infantil conserva-se essencialmente auto-erótica. Nesta perspectiva, o complexo de Édipo, embora esboçado na infância, só surgiria em plena luz no momento da puberdade para ser rapidamente ultrapassado. Esta incerteza encontra-se ainda em 1917 (*Conferencias introdutorias sobre psicanálise [Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse]*), apesar de Freud reconhecer nesse época a existência de uma escolha de objetual muito próxima da escolha adulta. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016, p. 78)

Entretanto, essa e outras fendas na teoria suscitaram o aprofundamento nos estudos sobre o tema. Esse movimento encaminha Freud até os instrumentos necessários para destrinchar o complexo de Édipo e apresentar os detalhes do fenômeno na vida do menino e da menina. Nesse contexto, o complexo de Édipo já alcança o patamar de uma organização em torno de dilemas estruturantes, visto como o principal guardião de uma verdade que repousa na penumbra do inconsciente, lugar que a psicanálise lança suas redes e encontra resistência. É, igualmente, local no qual o amor e o ódio pertencem a mesma matéria e o desejo incestuoso e parricida se faz mola propulsora para existência da vida mental do sujeito.

3.4 Herdeiro da relação triangular

Apresentamos anteriormente os primeiros esboços de Freud sobre o vínculo erótico entre a criança e seus pais, que, apesar de serem os primeiros, não são iniciais. O conceito ganha corpo rapidamente na teoria psicanalítica. O autor escreve especificamente a respeito do assunto no texto chamado *A dissolução do complexo de Édipo*, em 1924, e lança uma série de artigos discorrendo sobre as problemáticas envolvendo dilemas acerca da feminilidade e da diferença entre o complexo de Édipo na menina e no menino. Essa exposição detalhada do fenômeno edípico começa em 1923, no texto *O Eu e o Id*, como o próprio autor sublinha. De forma menos

especulativa e mais expositiva, novos elementos são abordados, onde a fantasia de cada sujeito referente ao amor e sexo antes do desenvolvimento do aparelho reprodutivo tem papel fundamental por estar relacionada com o surgimento do superego⁴.

Em *O Eu e o Id* (1923), Freud frisa a relevância dos termos consciente e inconsciente para a psicanálise, demonstrando que para um elemento se tornar inconsciente ele atravessa um conjunto de representações que constitui o sujeito: o Eu, o Id e o superego. Aqui é descrito que o Eu é uma parcela alterada do Id que representa a consciência, já o Id, por sua vez, é tido como lugar principal das paixões - se preferir, das pulsões -, por fim temos o superego, representante da moralidade. Este último se funda em razão do acontecimento edípico que propicia a identificação do Eu com a figura paterna e acaba submetendo as pulsões do Id as advertências “devo ser” e “não devo ser” como meu pai.

Essa identificação do Eu ocorre como medida de proteção e fortalecimento da instância frente às exigências do Id, já que “uma escolha erótica de objeto numa alteração do Eu é também uma via pela qual o Eu pode controlar o Id e aprofundar suas relações com ele, embora à custa de uma larga tolerância para com as experiências dele” (FREUD, 1923a/2011, p. 37). Esse movimento acaba inserido o sujeito no campo social, mas não o exime dos conflitos entre as duas instâncias, já que seu herdeiro, o superego, prossegue com eles. É importante lembrar que os “conflitos entre Eu e ideal refletirão em última instância [...] a oposição entre real e psíqui-co, mundo exterior e mundo interior” (FREUD, 1923a/2011, p. 45).

Quando Freud (1923a/2011) se debruça sobre as nuances da identificação dentro do contexto de formação do superego, acaba se deparando com problemáticas suscitadas pela relação triangular contida no complexo de Édipo e a bissexualidade do ser humano. Segundo o autor: “o desenlace da situação edípica numa identificação com o pai ou a mãe parece depender, em ambos os sexos, da relativa força das duas disposições sexuais” (FREUD, 1923a/2011, p. 41). Sendo assim, a bissexualidade humana é um grande obstáculo no caminho que busca elucidar as especificidades das primeiras identificações e escolhas objetais (FREUD, 1923a/2011).

Freud não encerra suas dúvidas nesse texto, mas a obra certamente é um avanço muito significativo na compreensão do conceito edípico. No mesmo ano, seguindo esse caminho de ampliação do conceito, o psicanalista escreve *A organização genital infantil* (1923), que dá destaque para a primazia do falo no desenrolar da cena edípica e situa a condição de passividade e atividade no complexo de Édipo, associando os termos respectivamente a feminilidade e a

⁴ Embora tenhamos escolhido a tradução de Paulo César de Souza, da Cia das Letras, optamos utilizar no presente trabalho o termo *superego* ao invés de *super-eu*.

masculinidade. Essa obra também apresenta algumas reflexões que tocam o campo do núcleo do fenômeno edípico - a castração:

No estágio da organização genital infantil que então se segue há masculino, mas não feminino; a oposição é: genital masculino ou castrado. Apenas ao se completar o desenvolvimento, na época da puberdade, a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. O masculino reúne o sujeito, a atividade e a posse do pênis, o feminino assume o objeto e a passividade. (FREUD, 1923b/2011, p. 175)

Após a exposição de algumas reflexões sobre o complexo de Édipo, Freud (1923b/2011) finalmente dedica um texto exclusivamente para esse conceito. Apesar de conter poucas páginas e abrir muitas questões, essa obra norteia a compreensão da constituição do sujeito em advento de uma vivência dolorosa que acontece concomitantemente à fase fálica, tanto para o menino quanto para a menina - enquanto um sofre com a ameaça de perder o pênis o outro sofre com a iminência de perder o amor (FREUD, 1924/2011). A castração permite ao sujeito a escolha de se relacionar por meio de uma posição passiva ou ativa, tal escolha faz parte de uma decisão que visa proteger e fortalecer o Eu perante as demandas do Id. Quando a autoridade do pai é introjetada a proibição do incesto é efetivada. Por conseguinte, é destacado que com o surgimento do superego a criança entra no período de latência que se resume na dessexualização das inclinações do complexo de Édipo. Nessa obra, é explicitado que a compreensão do complexo de Édipo é mais nítida na situação do menino e que no caso da menina ainda existem diversos pontos esfumados.

3.5 Complexo de Édipo e a feminilidade

Somente em 1931, com o texto *Sobre a sexualidade feminina*, que nos é apresentado algumas elaborações acerca da ligação afetiva da menina para com a figura paterna, partindo do pressuposto que em ambos a mãe é o primeiro objeto de amor. Freud aqui investiga o motivo pelo qual a menina deixa essa ligação e se volta para o pai: “a forte dependência da mulher em relação ao pai é apenas herdeira de uma ligação à mãe igualmente forte e que essa fase anterior teve uma duração inesperadamente longa” (p. 375).

Essa diferença já aponta para o possível esclarecimento do caminho que a feminilidade faz no complexo de Édipo da menina. Esse distanciamento não é reflexo de uma mudança simples, e saber a razão dele foi o combustível do escrito de 1931. A transição de objeto que a menina realiza dá início quando ela se depara com a consumação da castração, nisso a trama edípica da menina se difere do menino (FREUD, 1931/2011). A menina entra no complexo de

Édipo em razão da castração e o menino finda a situação edipiana pelo mesmo motivo: “a menina aceita a castração como fato consumado, enquanto o menino teme a possibilidade da consumação” (FREUD, 1924/2011, p. 212). Na concepção do autor, esse fato resulta em três dimensões da sexualidade feminina: a) a mulher fica com sexualidade inibida, b) a mulher afirma sua sexualidade num caráter masculino e c) a mulher toma o pai como objeto de amor.

Na tentativa de desvendar os campos borrados do complexo de Édipo na menina, Freud (1924/2011) formula hipóteses considerando a diferença sexual. Primeiro demarca a disparidade biológica, depois, assim como começou, recorre aos enigmas levantados da histeria para tentar esclarecer suas dúvidas, só que agora, sua incerteza gira em torno do caminho que a menina toma até chegar na sexualidade feminina (ZALCBERG, 2003). Para Freud (1924/2011), a menina precisa renunciar a posição ativa (a masculinidade) e o desenvolvimento mais comum ocorreria se este chegasse até o surgimento do desejo de possuir um bebê.

Indubitavelmente, existem muitas pontuações para serem feitas a respeito da concepção freudiana de feminilidade e como a menina se torna mulher, mas o intuito aqui é investigar o conceito edipiano. Por isso, podemos pensar que, em relação à construção desse conceito na situação da menina, o autor foi limitado no sentido de tentar esclarecer tal fenômeno por esse viés. Suas obras a respeito do tema renderam discussões férteis ao longo da história psicanalítica. As últimas produções de Freud sobre o complexo de Édipo arrematam essa noção com algumas elaborações e muitas questões, como é de praxi do conhecimento psicanalítico. De toda forma, investigar o complexo de Édipo é se debruçar sobre a produção intelectual acerca do que cada humano carrega de mais íntimo.

4 COMPLEXO DE ÉDIPO EM MELANIE KLEIN

4.1 Primeiras formulações

Petot (2001), nomeia os primeiros trabalhos de Melanie Klein como sistema protokleiniano, este período abarca os anos 1921 a 1923. Nesse início, Klein busca alicerces à prática da psicanálise infantil, nisso, o brincar se torna análogo à associação livre, na brincadeira o conteúdo inconsciente se manifesta e o analista toma conhecimento de seus conflitos. Ainda que o fenômeno edípico não ocupe o papel central nas reflexões, suas análises demonstram tendências edípicas numa idade muito precoce. Essa descoberta traz esclarecimento dos princípios que constituem a vida psíquica (SEGAL, 1975; PETOT, 2001).

Petot (2001), ressalta que os primeiros escritos da autora são fortemente influenciados por Freud, Ferenczi e Abraham, isso aparece fortemente na teoria da libidinal expressa em seu trabalho. No primeiro momento ela é o cerne de seu pensamento para analisar o desenvolvimento infantil, mas logo depois é abandonada, assim, nasce a clínica kleiniana (SEGAL, 1975).

Ainda sobre o sistema protokleiniano, Petot (2001), distingue duas características associada a esse primeiro tempo: a) nem toda teoria permanecerá na obra kleiniana, determinadas ideias serão excluídas; b) outras serão reestruturadas, como os fundamentos de inibição, sublimação, fantasia e o modo de atuação da pulsão de morte. As concepções acerca do complexo de Édipo fazem parte do grupo de teorias que permanecerá nas elaborações consolidadas da autora. Vale destacar que o aspecto precoce dos conflitos edípicos se tornam ordinários na vida infantil, assim como a ansiedade despertada por este.

Partindo do pressuposto de que o princípio da neurose se encontra na infância, em 1921, no trabalho *O desenvolvimento de uma criança*, Klein discorre a respeito da postura do adulto frente a criança. Nessa obra é apresentado o modo como um adulto deveria se comportar, por exemplo, em relação à curiosidade sexual infantil, pois atitudes de negação propiciam o embotamento intelectual (PETOT, 2001). Outras reflexões que expõe a associação entre a inibição intelectual e os impulsos que advém do fenômeno edípico são localizadas no artigo de 1923, denominado *O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança*.

Petot (2001) comenta sobre a aproximação da autora com a pedagogia. A psicanalista busca instigar o desenvolvimento de toda habilidade possível e inerente ao ser humano. Klein observa a vivacidade da curiosidade infantil e nota o mudança de interesse na idade escolar, o recolhimento intelectual ocorre por meio da repressão das teorias sexuais infantis no complexo

de Édipo, nisso uma educação norteado pelos princípios psicanalíticos poderia oferecer à criança experiências que favorecem a habilidade de sublimação, já que “na vida da criança, a escola significa o encontro com uma nova realidade, que muitas vezes parece muito dura. A maneira como ela se adapta a essas novas exigências costuma exemplificar a sua atitude diante das incumbências da vida em geral” (KLEIN, 1923, p. 82).

Em seu trabalho *A análise de crianças pequenas*, de 1923, Klein declara que o *pavor nocturnus* de uma criança com dois ou três anos acontece devido a tendências edípicas. A autora chega a essa formulação com base nas investigações profundas dos processos de inibição e sublimação da criança, pois o fenômeno advém das moções movidas pelas relações edípicas (PETOT, 2001). Nas palavras de Klein: “não seria um passo desproporcional, portanto, encarar o pavor nocturnus que ocorre na idade de dois ou três anos como a ansiedade liberada no primeiro estágio de repressão do complexo de Édipo, cuja ligação e descarga depois prossegue de várias maneiras” (KLEIN, 1923, p. 106). Em síntese, os conceitos de relações objetais são inaugurados neste momento após se deparar com o complexo de Édipo precoce na vida infantil.

4.2 Complexo de Édipo e a fase da feminilidade em “Estágios iniciais do conflito edípico” (1928)

Em 1928, Klein afirma que os afetos edípicos surgem em decorrência da insatisfação da criança com a interrupção da amamentação, nessa situação o desfralde corrobora o sentimento de frustração. Outro fator determinante para o acontecimento edípico é a ausência de pênis na menina, uma vez que o medo da castração e a presença da culpa são hospedeiros que indicam os desejos que compõem as relações edípicas.

Klein (1928), rememora que a castração e a culpa são componentes que indicam a iminência do superego, pois declara que a fixação pré-genital é um efeito do complexo de Édipo. Essa afirmação situa a severidade do superego na mesma época em que prevalece os impulsos oral e anal. Na teoria kleiniana o complexo de Édipo tem implicações no desenvolvimento psíquico logo nos primeiros sinais de atuação. As tendências edípicas se vinculam aos processos de desmame e desfralde, que por sua vez são norteados pelos impulsos sádicos que estão à sombra do superego. Nesse contexto, o ego vulnerável da criança é exposto aos sofrimentos oriundos do conflito edípico, como as teorias sexuais. Junto a isso: “outro problema vem colado a esse, e é o fato de a criança não entender as palavras” (KLEIN, 1928, p. 218).

É exposto, portanto, que esse caráter de ignorância em relação à sexualidade move a curiosidade da criança, que tem a serviço toda força do impulso sádico provocado pelo desfralde e desmame. Nisso, a necessidade de saber que advém da curiosidade sexual e o ímpeto de dominar promovida pelo sadismo resulta na fase da feminilidade. Nesse período, as fezes se tornam equivalentes ao bebê que a criança quer gerar em sua mãe e também representa o bebê-irmão que deseja destruir para não dividir o amor da mãe. Klein (1928), ressalta outro fator que provoca a tendência sádica nesse estágio: o garoto assimila o pênis do pai dentro da mãe, por isso: “no complexo de feminilidade dos meninos há no fundo o desejo frustrado de possuir um órgão especial” (KLEIN, 1928, p. 219).

A fase da feminilidade desenrola-se de forma distinta na vida da menina e do menino, entretanto, tanto o menino quanto a menina se voltam ao pai devido a identificação com a mãe e ambos compartilham de um mesmo ponto de partida - as fixações sádico-orais e sádico-anal. Os impulsos de dominação estão intimamente ligados à constituição do superego, pois quanto mais impiedosa for a instância psíquica mais a criança ficará na plataforma sádica, local no qual o complexo de Édipo ganha substância (KLEIN, 1928).

O menino busca destruir no corpo da mãe tudo que faz alusão a reprodução, esse desejo desperta temor, a sensação está ligada a ameaça de castração promovida nos hábitos de higiene, pois, ao retirar as fezes, o garoto percebe a figura materna como castradora (KLEIN, 1928). Uma vez a mãe nesta posição, o sentimento de medo é ampliado quando aponta o horror de ser castrado pelo pai: “assim, a fase da feminilidade se caracteriza pela ansiedade relacionada ao útero e ao pênis do pai, e essa ansiedade submete o menino a tirania de um superego que devora, mutila e castra, formado a partir das imagens da mãe e do pai ao mesmo tempo” (KLEIN, 1928, p. 220).

Ainda nessa exposição, na situação do menino, a fase da feminilidade finda no sentimento de inferioridade, já que diante dele há corpo fonte de todas as sensações de prazer e com um grande potencial de gerar vida. Entretanto, como existe a operação que envolve a pulsão de saber, o menino esconde a sensação de fragilidade e a substitui pela supervalorização do membro genital, se ele não pode gerar vida supervaloriza outras capacidades. Assim, o desejo de gerar um filho dá lugar à ideia de superioridade intelectual em relação às mulheres. Além disso, a autora salienta que a substituição promove a mudança de foco entre a ansiedade e o alto grau de hostilidade presente nos meninos. Para se proteger dos anseios gerados nessa etapa o garoto se encaminha à identificação paterna, que a essa altura encontra-se no ápice da estrutura edípica (KLEIN, 1928).

No caso da menina, o afastamento da mãe também começa com as restrições ao seio

materno em conjunto com o desfralde, em seguida a constituição psíquica passa a sofrer influência do investimento libidinal genital. A raiva, a inveja e o receio da mãe somada a busca de satisfação genital orienta a garota ao pai, bem como favorece a identificação com ele (KLEIN, 1928). Ainda a respeito da relação mãe e filha, nota-se que a garota acumula uma quantidade exorbitante de raiva e ódio pela figura materna devido às restrições feita por esta última, a situação se agrava quando se depara com a ausência do pênis. A filha é tomada pelo ódio e paralelamente recebe o fato como castigo da mãe. Nesse período, a pulsão de saber é despertada e a figura paterna ganha atenção da menina.

A falta do órgão confere à menina a ausência de apoio contra a severidade da culpa do superego, o desejo violento direcionado ao corpo da mãe pode causar danos duradouros, pois entre ela e os sentimentos de culpa derivado dessa instância psíquica existe somente a vontade de ser mãe. O receio que o menino sente da castração é equivalente a ansiedade que a menina sente em relação a feminilidade, mas, como a garota não possui um objeto palpável, o percurso dessa ansiedade toma caminhos diferentes. Além disso, a menina sofre as consequências do superego de maneira distinta em razão do resquício da identificação materna, pois todo produto gerado por meio desta terá larga proporção em sua vida (KLEIN, 1928). A fase da feminilidade demonstra quão cedo a lógica edípica opera na vida do sujeito, isto é, já na fase pré-genital.

4.3 O Complexo de Édipo e o sadismo máximo

Sadismo é uma expressão concebida por Richard von Krafft-Ebing⁵, para caracterizar uma prática sexual que obtêm satisfação com o sofrimento de outrem. Mais tarde, Freud utilizou o termo para nomear uma das manifestações do arranjo pulsional (ROUDINESCO; PLON, 1998). Em 1932, Klein aponta que o sadismo desenrola um papel crucial no funcionamento da mente da criança, alinhado à concepção de que nos primeiros anos de vida infantil rege no inconsciente a lei do Talião⁶, olho por olho e dente por dente. Tal operação dá origem a formação do superego arcaico.

No trabalho *A importância do simbolismo no desenvolvimento do ego* (1930), Klein discorre que, durante a fase oral, na qual o sadismo predomina, surgem os conflitos edípicos. Nesse período, o ego possui somente a capacidade de introjetar objetos parciais e a

⁵ ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.

⁶ Segundo a lei de talião, profundamente arraigada no sentimento humano, um assassinato pode ser expiado apenas pelo sacrifício de outra vida; o sacrifício de si mesmo aponta para um homicídio. (FREUD, 1913/2012, p. 151).

agressividade é a única ferramenta que a criança tem disponível para se comunicar com o mundo. Nisso, o corpo da mãe é alvo de toda pulsão de dominação⁷, mas a criança começa a sentir medo de ser castigada pelos ataques direcionados a figura materna. A angústia produzida nessa situação provoca as defesas arcaicas do ego, porém, devido à vulnerabilidade que essa instância psíquica se encontra, a tarefa de se defender de um objeto, que pode revidar tal qual como foi atacado, se torna impossível (KLEIN, 1930).

Em 1932, na obra *A psicanálise da criança*, é aprofundado sobre o processo que dá origem ao superego arcaico. Esse trabalho apresenta que os primeiros sinais da relação edípica se manifestam na fase oral, em decorrência das vivências de insatisfação. Entretanto, as tendências edípicas ficam em segundo plano por haver uma prevalência do impulso de dominação. No desenvolvimento comum, a satisfação da criança em mamar dá lugar ao prazer em morder, essa substituição de satisfação demonstra a presença de forças hostis logo no início da infância. Como diz a autora: “ao que tudo indica, esses fenômenos do desenvolvimento arcaico já são a expressão da polaridade entre as pulsões de vida e as pulsões de morte” (KLEIN, 1932, p. 146).

Apesar de que determinadas psicopatologias derivam do caráter exacerbado do sadismo, ele é fundamental para a constituição do aparelho psíquico. Ele suscita na criança o medo de ter o corpo dizimado pelos impulsos de destruição, mas uma das saídas que o ego encontra para a angústia é a projeção dessa pulsão de morte nos objetos externos. Para Klein (1932), o movimento de jogar para fora o impulso de destruição causa uma mudança na relação da criança com os objetos externos e que a intensidade do sadismo retrata a combinação dos anseios destrutivos e a insatisfação libidinal.

No sadismo máximo, um dos componentes do conflito edípico aparece sob a forma da inveja oral. Nessa situação, a criança fantasia inconscientemente que os pais regozijam de práticas sexuais de caráter oral. Esse conhecimento aumenta o ódio envolto às figuras parentais. Outra propriedade desta fantasia que fortalece o desejo de destruição dos pais é ideia inconsciente de que o pênis do pai é absorvido para o corpo da mãe, “de modo que os ataques contra o corpo da mãe são também dirigidos contra o pênis no seu interior” (KLEIN, 1932, p. 152). A junção de pai e mãe numa única figura suscita na criança sentimentos de horror, uma marca kleiniana no conceito edípico é justamente trazer as figuras parentais combinadas. Como dito anteriormente, essa mistura provoca pavor na criança e reforça as fantasias que

⁷ A autora utiliza vários termos para se referir a pulsão de morte, como “*impulso destrutivo*”, “*impulso de destruição*”, “*pulsão de dominação*” entre outros. No presente trabalho optamos por manter os termos usados na obra de Melanie Klein.

representam a destruição dos pais:

a criança também tem fantasias em que os pais se destroem um ao outro por meio dos seus genitais e excrementos, que são sentidos como armas perigosas. Essas fantasias têm efeitos importantes e são muito numerosas, e contêm idéias tais como: o pênis, incorporado na mãe, se transforma em um animal perigoso ou em armas carregadas de substâncias explosivas; ou a vagina da mãe, também, é transformada em um animal perigoso ou algum instrumento de morte, como por exemplo, uma ratoeira envenenada (KLEIN, 1932, p. 153).

Além da fantasia sádica produzir o sentimento de medo e culpa na criança, ela desencadeia a ideia de que esta será castigada pelos desejos destrutivos em seu interior. Todavia, Klein (1932), esclarece que o medo da retaliação não extingue o sadismo da vida psíquica do bebê, pelo contrário, acaba reforçando a vontade de aniquilar o objeto que retrata perigo. Os primeiros indícios da relação edipiana emergem nessa fase de maneira esmaecida, pois o pequeno ser não dispõe de uma diversidade de ferramentas para externar as particularidades desse vínculo. Em muitos casos os primeiros sinais do complexo de Édipo aparecem em casos de terror noturno e medos infantis (KLEIN, 1932).

No princípio do complexo de Édipo e do surgimento do superego os impulsos destrutivos são majoritários, esse fator atribui aos objetos introjetados na fase sádica-oral uma imagem deturpada das figuras correspondentes. Para a criança o pênis do pai é tão nocivo quanto qualquer artifício bélico ou animal peçonhento e selvagem, enquanto a vagina da mãe simboliza uma fenda que integra risco. A relação imposta com esses objetos suscitam perigo e acaba direcionando o olhar da criança para o mundo externo, visto que um mundo tão perigoso requer dela uma posição de sentinela.

Nesse período, o superego possui maior rigor. Cintra e Figueiredo (2010), sublinham que uma das maiores contribuições de Klein para o fenômeno edipiano foi localizar na vida precoce esse acúmulo de pulsão de morte. No início a organização psíquica se dá por meio da tentativa do ego de se proteger contra as forças hostis, entretanto o que ele dispõe é justamente as pulsões derivadas do Id, então a “violência pulsional sofre uma inflexão” (CINTRA; FIGUEIREDO, 2010, p. 60) resultando no superego arcaico.

Estudando as consequências e o percurso da angústia, a autora nota que, como dito anteriormente, esta é basilar no processo de amadurecimento do ego, já que seu desenvolvimento nesse período ocorre à medida que precisa desenvolver mecanismos de defesa frente aos impulsos sádicos direcionados a ele. Por isso, a projeção e a introjeção são mecanismos fundamentais na estruturação do superego: “o que já está sendo expelido no primeiro estágio sádico-anal é o superego aterrador que ele introjetou na fase sádico-oral”

(KLEIN, 1932, p. 161).

Podemos afirmar, então, que o mecanismo de projeção e incorporação do objeto se repete diversas vezes alterando o modo como o aparelho psíquico se comunica com o mundo e entre as instâncias psíquicas. Essa dinâmica promove a passagem da introjeção objetal parcial para a introjeção total. O sadismo máximo descrito por Klein, remete a um período precoce no qual o ego está em processo de estruturação e que não possui outras ferramentas para se ligar ao mundo senão por meio das pulsões derivadas do Id. Nesse cenário, as figuras parentais se combinam em um único objeto e este possui grande influência na tensão intrapsíquica. A severidade do superego nessa fase é análoga ao sadismo da criança.

4.4 Posição depressiva

A posição depressiva não é uma fase a ser superada, o percurso do conceito ocorre da seguinte maneira: até 1932, Klein não havia distinguido a angústia persecutória da depressiva, somente em seu texto *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos-depressivos*, de 1935, é descrito o primeiro esboço que difere as características de ambas. Em 1940, em *O luto e suas relações com os estados maníacos-depressivos* a diferença das posições ganha mais nitidez.

Como no princípio o sadismo impera no psiquismo, o superego primitivo possui caráter violento, mas, com o amadurecimento do aparelho psíquico, ocorre a mudança de um superego severo para uma instância moral que irá operar as leis sociais com a satisfação pulsional do sujeito na vida adulta. A transformação ocorre em razão da passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva (CINTRA; FIGUEIREDO, 2010).

Na posição depressiva a angústia dos objetos “maus” é somada ao medo de ter destruído o objeto bom com sua força hostil da fase do sadismo máximo (KLEIN, 1940). Nesse aspecto, o ego encontra-se perante o objeto amado com o sentimento de reconhecimento de que o quer e deseja mantê-lo seguro, entretanto, sabe que pode perdê-lo (CINTRA; FIGUEIREDO, 2010). O ego só é capaz de manter essa posição frente ao objeto bom por ter adquirido a qualidade de interagir com o objeto total.

Antes, na comunicação parcial, a angústia persecutória não promovia meios para o ego constituir outro modelo de relação objetal. Com a mudança de interação, essa instância psíquica passa a somar a angústia persecutória ao sentimento de culpa e medo de ter danificado o objeto amado. Além disso, “se antes predominava o sadismo e o desejo de devorar e incorporar o outro, agora o sadismo encontra-se contrabalançado por sentimentos amorosos e pelo desejo de

preservar o objeto vivo. Isso é a ambivalência, a mistura de amor e ódio” (CINTRA; FIGUEIREDO, 2010, p. 81).

Uma vez que o sentimento de ambivalência é característico da posição depressiva, Klein (1940) destaca que “a preocupação e o pesar em torno da perda tão temida dos objetos “bons” — ou seja, a posição depressiva — é a fonte mais profunda dos dolorosos conflitos que ocorrem na situação edipiana” (p. 388). Para Cintra e Figueiredo (2010), o complexo de Édipo e a posição depressiva estão intimamente ligados, ambos são processos centrais na vida do sujeito que refletem a capacidade do ego em metabolizar a noção de descontinuidade, de finitude; tanto um quanto o outro sinalizam a “descoberta última da verdade amarga que se esconde atrás do complexo de castração” (CINTRA; FIGUEIREDO, 2010, p. 93).

Klein relata que: “o medo de ataques internos contra seus objetos amados está intimamente ligado ao medo da castração” (KLEIN, 1945, p. 456). A psicanalista sublinha que, durante esse período, o ego está em um quadro que irá designar os caminhos da vida psíquica até a fase adulta. Assim, o sujeito adquire ferramentas para se comunicar com o mundo externo sem precisar recorrer às pulsões sádicas.

O aperfeiçoamento do aparelho psíquico, em última análise, está à disposição do sujeito para que este negocie melhor com o mundo a sua satisfação pulsional. Uma habilidade que a posição depressiva promove é o mecanismo de defesa denominado reparação: “um corolário fundamental da ansiedade, da culpa e dos sentimentos depressivos é o desejo de reparação. Dominado pela culpa, o bebê é levado a anular o efeito de seus impulsos sádicos através de meios libidinais” (KLEIN, 1945, p. 454).

Nesse sentido, o amadurecimento do ego é “estimulado e reforçado a cada passo pela pulsão de reparação” (KLEIN, 1945, p. 455), esse mecanismo de defesa é um atributo da posição depressiva, a partir dele o sujeito evolui no processo de sublimação, qualidade necessária para a construção do senso de realidade. O ímpeto de querer restaurar o objeto é derivado do medo e da culpa propiciados pelo complexo de Édipo, isso corrobora com a ideia de que o cerne da posição depressiva é movida pelos afetos edipianos. Em resumo, a posição depressiva marca o início do complexo de Édipo na vida do sujeito.

4.5 Posição esquizo-paranóide

A posição esquizo-paranóide, assim como a posição depressiva, pode aparecer na infância e na fase adulta, ela simboliza o período mais arcaico da vida psíquica. Esse fenômeno faz referência às angústias persecutórias suscitadas na fase do sadismo máximo. Nesse período,

o mundo externo é fragmentado e ameaçador, e a figura materna é alvo do sadismo do bebê. Nesse contexto, a prioridade que impera na vida psíquica é a conservação do ego, pois existe um grande receio dessa instância psíquica em ser aniquilado pelos objetos “maus” (KLEIN, 1940; SPILLIUS et. al, 2011; CINTRA; FIGUEIREDO, 2010). Assim: “o primeiro conjunto de sentimentos e fantasias tem uma natureza persecutória, caracterizada por medos relacionados à destruição do ego por perseguidores internos. As defesas contra esses medos consistem principalmente na destruição dos perseguidores através de métodos violentos ou cheios de astúcia” (KLEIN, 1935, p. 391).

Na posição esquizo-paranóide, a fragmentação é uma característica marcante, já que nessa configuração o ego mantém uma relação com o objeto parcial que é dividido entre bom e mau: “na primeira fase de desenvolvimento os objetos perseguidores e os objetos bons (os seios) estão muito afastados na mente da criança” (KLEIN, 1935, p. 328). Desse modo, o aparelho psíquico utiliza a introjeção, a projeção e a cisão para haver uma comunicação entre o ego e o objeto: o ego incorpora o objeto bom, lança objeto perigoso no mundo externo e o mecanismo de cisão promove essa separação. (KLEIN, 1940; LAPLANCHE; PONTALIS, 2016; SPILLIUS et. al, 2011).

Com a capacidade de dividir o bom e o mau, o ego tem a oportunidade de capturar o objeto bom e se fortalecer suficientemente para posteriormente ser capaz de suportar a ambivalência destes. Nota-se que a habilidade de fragmentar, tão característica a posição esquizo-paranóide, é essencial para o surgimento da posição depressiva (SPILLIUS et. al, 2011). Essa habilidade de separar forças opostas é fundamental para a vida intrapsíquica, no sentido de que sem essa divisão o mundo interno do bebê seria um acúmulo de forças antagônicas (CINTRA; FIGUEIREDO, 2010).

Nesse cenário, o complexo de Édipo entra como elemento que vai caminhar com desenvolvimento do aparelho psíquico. As figuras parentais são introjetadas nessa fase, sendo elas os primeiros elementos com os quais o ego irá estabelecer uma ligação: “as imagos do seio da mãe e do pênis do pai se estabelecem dentro do ego e formam o núcleo do superego” (KLEIN, 1945, p. 453). Essa primeira divisão que o ego realiza é nomeada superego arcaico, que por sua vez é alvo dos impulsos de morte e de vida. Klein (1945) revela que em suas análises percebeu “que a libido se mistura à agressividade desde o início da vida, apresenta uma rigidez severa em razão dessa cisão” (KLEIN, 1945, p. 453). Unindo a capacidade de dividir e a introdução das figuras parentais temos uma das noções mais originais da teoria kleiniana: o superego primitivo.

Em trabalhos anteriores, como *Estágios iniciais do conflito edipiano* (1928), *Uma*

contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivo (1935), Klein já mencionava a existência do superego nos primeiros anos da vida do bebê, mas, com o advento da consolidação da teoria das posições, a formação dessa instância psíquica primitiva ganha corpo. De acordo com Klein (1945), o complexo de Édipo se inicia nos primeiros meses de vida, mas o superego antecede esse fenômeno. Ele é formado no momento em que o ego está desorganizado e os impulsos sádicos-orais estão predominantes na vida psíquica, por isso, sua versão se apresenta de maneira muito destrutiva, ela é a força sádica do sujeito voltada para si mesmo. Temendo as forças do Id, o ego se separa e promove a instância do superego. No entanto, à medida que o ego adquire a capacidade de se relacionar com o objeto de forma mais harmônica, a pulsão de morte se torna menos avassaladora e a interação na vida psíquica se transforma (KLEIN, 1945).

Portanto, podemos ver que a passagem da posição esquizo-paranóide para a depressiva é demarcada pelo surgimento do complexo de Édipo. Essa mudança entre as posições promove ferramentas para o aparelho psíquico se comunicar com o mundo externo de maneira menos danosa. O desenrolar da trama edipiana ficará prejudicada se a angústia da posição esquizo-paranóide não for ultrapassada. Isso significa que a fixação libidinal do bebê ficará na fase pré-genital e o ego ficará preso num funcionamento rudimentar que se alterna entre o isolamento e a fusão do objeto bom e mau, característica da posição esquizo-paranóide.

O desenvolvimento sexual da criança está ligado de forma inextricável às suas relações de objeto e a todas as emoções que moldam desde o início sua atitude diante da mãe e do pai. Ansiedade, culpa e sentimentos depressivos são elementos intrínsecos da vida emocional da criança e, portanto, permeiam suas relações de objeto iniciais, que consistem na relação com pessoas reais e com seus representantes no mundo interior. (KLEIN, 1945, p. 463).

5 COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD E MELANIE KLEIN

O complexo de Édipo é uma relação triangular na qual o ego ganha noção de alteridade. Na teoria kleiniana é o momento no qual o bebê rompe uma união profunda com a mãe e ganha instrumentos para interagir com o mundo externo. Em Freud, é a internalização das leis sociais, a introdução do sujeito na cultura. De todo modo, o complexo de Édipo implica mudanças no aparelho psíquico. Klein e Freud possuem pontos semelhantes acerca do conceito em alguns aspectos, ambos concordam que o fenômeno intervém fortemente na organização do aparelho psíquico, da pulsão de morte e no processo de identificação.

Em suma, os autores compartilham do pensamento de que o complexo de Édipo é um período determinante para a vida adulta do sujeito. Em contraponto aos pensamentos análogos temos as divergências entre a teoria freudiana e kleiniana sobre os processos edipianos, as disparidades aparecem fortemente quanto ao tempo que o conflito ocorre e a dinâmica que ele tem na menina e no menino.

Para Freud (1905/2016), o auge do conflito edípico se dá na fase fálica, por volta dos cinco anos, e declina com o surgimento do complexo de castração. Já Klein (1945), antecede o fenômeno para o primeiro ano de vida e demarca o início do acontecimento com o advento da posição depressiva. A autora também propõe uma construção teórica muito original ao pensar o complexo de Édipo na menina, diferente de Freud (1931), a feminilidade não se localiza numa dimensão enigmática.

5.1 Complexo de Édipo e a pulsão

No modelo proposto por Freud (1905/2016), o complexo de Édipo está associado com o desenvolvimento sexual do sujeito, ele observa que a concepção de prazer que a criança sente pertence ao campo erótico. No início do desenvolvimento psicosssexual não existe a diferença sexual, mas o sujeito se orienta por meio da noção de atividade e passividade. As primeiras experiências de satisfação da criança são ligadas à nutrição, aos cuidados higiênicos e as carícias, pois o bebê constitui o primeiro vínculo erótico com a figura materna. A satisfação da criança não se submete aos ditames sociais, ela vive sua sexualidade de maneira autoerótica e polimorfa (FREUD, 1905/2016).

O pensamento kleiniano está de acordo com a ideia de Freud quando ele aponta que no princípio não existe diferença sexual. E ainda de acordo com Freud, a teoria kleiniana também atribui importância às primeiras vivências com a figura materna e os cuidados corporais. A vida

psíquica se transforma muito em decorrência do desmame e do desfralde na concepção de Klein. De todo modo, devido a primeira experiência de satisfação a figura materna é alvo das primeiras moções sexuais da criança:

A primeira e mais vital atividade da criança, mamar no peito da mãe (ou de seus substitutos), já deve tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança se comportaram como uma zona erógena, e o estímulo gerado pelo afluxo de leite quente foi provavelmente a causa da sensação de prazer (FREUD, 1905/2016).

Os primeiros sentimentos surgem em conexão com estímulos externos e internos. A primeira gratificação que a criança obtém do mundo externo é satisfação que obtém ao ser alimentada. A análise demonstrou que apenas parte dessa satisfação resulta do alívio da fome e que outra parte, igualmente importante, decorre do prazer que o bebê sente quando sua boca é estimulada ao sugar o seio da mãe (KLEIN, 1936).

Porém, a sexualidade infantil não é sinônimo de satisfação. Para Freud (1915/2010), a pulsão de morte é localizada na origem da relação entre o bebê e o mundo: “no mais elevado estágio da organização sádico-anal pré-genital surge a procura pelo objeto, sob a forma de impulso de apoderamento, ao qual não importa se o objeto é danificado ou aniquilado” (FREUD, 1915/2010, p. 57). Na ideia do autor, o bebê não distingue amor e ódio antes da fase genital, na qual ocorre o complexo de Édipo. O psicanalista afirma que o ódio precede o amor e conclui que “o eu odeia, abomina e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele” (FREUD, 1915/2010, p. 56).

Segundo Klein (1940;1945), o momento em que a pulsão de morte rege a vida psíquica do bebê origina as fantasias persecutórias, ou em outras palavras, os impulsos destrutivos suscitam a posição esquizo-paranóide, que por sua vez coloca em movimento os mecanismos de introjeção e projeção, fenômenos essenciais para a estruturação do ego. Além disso, a presença da pulsão de morte nesse estágio promove a cisão do ego que conseqüentemente forma a primeira versão do superego.

Em geral, na teoria kleiniana e freudiana, a pulsão de morte exerce um papel fundamental na interação entre o ego e o mundo externo; a disparidade dos autores quanto a pulsão de morte e o complexo de Édipo é que para Freud (1905/2016) o impulso destrutivo, no princípio da vida psíquica, não possui vínculo com as insatisfações da relação edípica, enquanto para Klein (1945) a pulsão de morte aparece como a angústia persecutória e é sinal de que já houve a introjeção das figuras parentais.

5.2 Complexo de Édipo e a identificação

Embora o processo de identificação tenha sido apresentado em trabalhos anteriores,

destaca-se a noção do conceito abordada por Freud (1913/2012), em *Em Totem e Tabu*:

o violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. [...] Depois que o eliminaram, satisfizeram seu ódio e concretizaram o desejo de identificação com ele (FREUD, 1913/2012, p. 141)

O autor relaciona a identificação com a lógica edípica a partir da análise de sentimentos comuns entre seus pacientes e a narrativa do mito da horda primeva. Observa-se em ambos a associação da incorporação de características da figura amada/idealizada com o sentimento de ambivalência e culpa. Em *Luto e melancolia*, (1917 [1915]/2010) é exposto sobre o lugar da identificação na perda do objeto de amor, que se torna “substituto do investimento amoroso, do que resulta que a relação amorosa não precisa ser abandonada, apesar do conflito com a pessoa amada” (FREUD, 1917 [1915]/2010, p.134).

Laplanche e Pontalis (2016), descrevem a identificação como “um processo psíquico pelo qual as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição. A identificação com o objeto idealizado contribui para a formação e para o enriquecimento das chamadas instâncias ideais da pessoa (ego ideal, ideal de ego)” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016, p. 224), instâncias formadas a partir da passagem do sujeito pela cena edípica.

Os autores ainda sublinham como na teoria kleiniana o processo de idealização denota uma defesa do ego contra a pulsão de morte. O processo de identificação também colabora para a cisão da instância psíquica, pois é por meio da projeção identificatória que o superego emerge. Nessa dinâmica a pulsão de morte projetada no mundo externo volta para o ego, que perante a ameaça de aniquilação acaba se dividindo entre ego e superego (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016, p. 224).

Observa-se que para Klein (1945), o superego não é herdeiro do complexo de Édipo, mas advém da identificação nos primeiros meses de vida da criança. Em síntese, a identificação das figuras parentais, tanto em Freud quanto em Klein, é um fator fundamental na organização do aparelho psíquico.

5.3 Complexo de Édipo e o superego

Freud (1925/2011), demonstra que a angústia de castração demanda do sujeito o abandono das paixões edípicas. Nessa circunstância a criança abdica do seu desejo incestuoso e internaliza a figura paterna, pois nessa tríade o pai representa as proibições e exigências que por sua vez é responsável pela construção do laço social. Desse modo, no pensamento

freudiano o superego é herdeiro do complexo de Édipo.

o complexo de Édipo não é simplesmente reprimido, ele realmente se despedaça com o choque da ameaça de castração. Seus investimentos libidinais são abandonados, dessexualizados e parcialmente sublimados, seus objetos são incorporados ao Eu, onde formam o âmago do Super-eu e emprestam a essa nova formação traços característicos. (FREUD, 1925/ 2011, p. 297)

Devido a isso, é atribuído um superego brando na menina, pois “excluído o medo da castração, também deixa de haver um forte motivo para a construção do Super-eu e a demolição da organização genital infantil” (FREUD, 1924/2011, p. 212). De modo geral, a constituição do superego é uma dinâmica que reflete a necessidade do sujeito de se proteger das pulsões derivadas do Id; o processo de identificação torna essa operação possível.

Klein (1945), concorda com o pensamento freudiano acerca da concepção de que o superego é uma ferramenta que provém da demanda de segurança, mas discorda quanto ao fato de que ele seja fruto da relação edípica. A analista nota em seus atendimentos que desde a tenra infância o superego dá sinais de existência e sustenta a teoria de que ela aparece antes do conflito edípico: “à luz da minha experiência posterior, sou levada à conclusão de que a formação do superego de Rita na verdade teve início nos seus primeiros meses de vida” (KLEIN, 1945, p. 447).

Freud (1924/2011) demarca a dissolução do complexo de Édipo, portanto, a constituição do superego por volta dos seis anos. Já Klein (1945), estipula a formação do superego nos primeiros meses de vida, na fase sádica-oral. Essa característica transforma toda dinâmica psíquica. No pensamento kleiniano, apesar do superego derivar das figuras parentais, ele reflete o impulso sádico projetado em ambos. Nesse primeiro estágio o superego age de acordo com a violência do impulso destrutivo.

Em certa ocasião, durante a análise, Rita colocou um elefante ao lado da cama da boneca. Como explicou, a função do elefante era impedir que a “criança” (a boneca) se levantasse, pois senão ela entraria no quarto dos pais para “machucá-los ou roubar alguma coisa deles”. O elefante representava o superego (o pai e a mãe), e os ataques que ele deveria evitar eram expressão dos impulsos sádicos da própria Rita, centrados na relação sexual entre os pais e na gravidez da mãe. O superego impediria a menina de roubar o bebê que se encontrava dentro da mãe, de ferir ou destruir o corpo dela e de castrar o pai. (KLEIN, 1945, p. 463,464)

Mais tarde, com o advento do complexo de Édipo a pulsão de morte esvanece e o superego passa a ser menos severo. Essa mudança é explicada na teoria das posições. A posição esquizo-paranóide representa o tempo precedente ao complexo de Édipo e a posição depressiva

assinala o princípio do fenômeno. Em resumo, Klein ampliou a concepção do complexo de Édipo analisando eventos precursores desde. Centralizar a constituição do superego antes da cena edípica é um dos pontos que mais difere seu trabalho. A ideia traz uma mudança na intervenção psicanalítica no período da infância e esclarece componentes da psicose.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho observamos a trajetória em ordem cronológica do conceito edipiano, tanto na teoria freudiana quanto kleiniana. Também vimos como a lenda do herói Édipo que inspirou a criação da peça teatral Édipo Rei, de Sófocles, também serviu para denominar uma das fantasias inconscientes universais na abordagem psicanalítica.

Na busca da verdade sobre sua origem, Édipo se depara com crimes terríveis em sua história, o parricídio e o incesto. Como castigo perfura os próprios olhos e passa o resto de sua vida vagando por Tebas, sua cidade natal. Freud (1905/2016), notou que o sentimento de culpa e o castigo aplicado ao personagem são análogos aos afetos que o infante experimenta. Em busca da sua origem, a criança cria hipóteses sobre a sexualidade e nesse percurso se depara com laço erótico mediante uma figura parental e o sentimento de ódio e ciúmes para com a outra (FREUD, 1905/2016).

Tanto para Freud (1924) quanto para Klein (1945) o enredo não é somente uma história trágica, nela está inserida a lógica na qual o aparelho psíquico se desenvolve. Mesmo que exista divergências entre os autores, ambos concordam que a constituição psíquica deriva do processo de identificação das figuras parentais e que a pulsão de morte é crucial nessa situação, pois apontam que a força pulsional do superego advém do Id, sede da pulsão destrutiva.

Além da temporalidade do superego, onde um é herdeiro do complexo de Édipo e outro antecede o acontecimento, também observamos uma mudança em como a feminilidade é atribuída no processo edípico, tema importante na estruturação do psiquismo. Em Freud (1931), a feminilidade é um campo repleto de questões e ressentimentos, já em Klein (1928) o foco na figura masculina é descentralizado, ela coloca o pênis como mais um objeto internalizado no corpo da mãe e investiga profundamente o sentimento do menino em vista desse corpo dotado do poder de criação.

Por fim, o que torna esse conceito tão essencial é sua capacidade de reunir num só fenômeno dinâmicas psíquicas que compõem a subjetividade e explica interações sociais. Édipo ascendeu de mito para conceito psicanalítico a partir da concepção de que a tragédia grega representa a fantasia inconsciente partilhada por nós, humanos. Denota nossa ambivalência, busca por conhecimento e destino incontornável frente ao complexo de castração. A noção edipiana se encontra desde os escritos pré-psicanalíticos e avança em decorrência da ampliação dos estudos de Freud. Com Klein, ganha novas nuances que detalham ainda mais a contribuição do conceito na vida psíquica.

REFERÊNCIAS

- CINTRA, Elisa Maria de Ulhoa; FIGUEIREDO, Luis Claudio Mendonça. **Melanie Klein: estilo e pensamento**. São Paulo: Escuta, 2010.
- FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In. **Obras completas, vol. 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das letras, 2011, p. 203-2013.
- FREUD, S. A organização genital infantil (1923b). In. **Obras completas, vol. 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das letras, 2011, p. 168-175.
- FREUD, S. Análise da fobia de um garoto de cinco anos ("O pequeno Hans"). In. **Obras completas, vol. 8: O delírio e os sonhos na *gradiva*, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)**. São Paulo: Companhia das letras, 2015, p. 123-284.
- FREUD, S. O Eu e o Id (1923a). In. **Obras completas, vol. 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das letras, 2011, p. 13-74.
- FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). In. **Obras completas, vol. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das letras, 2016, p. 51-81.
- FREUD, S. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1899)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina (1931). In. **Obras completas, vol. 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das letras, 2010, p. 371-398.
- FREUD, S. Totem e Tabu (1912-1913). In. **Obras Completas, vol. 11: Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. São Paulo: Companhia das letras, 2012, p. 13 – 244.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In. **Obras completas, vol. 06: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora) e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia das letras, 2016, p. 13-172.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Tradução R. Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- GREEN, A. **As cadeias de Eros: atualidade sexual**. Lisboa: CLIMEPSI, 2000.
- JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Ed,

KLEIN, M. Estágios iniciais do conflito edípico (1928). In. **Obras completas de Melanie Klein**, M. Estágios iniciais do conflito edípico e da formação do superego (1932). In. **Obras completas de Melanie Klein: Volume II A psicanálise de criança**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 145-168.

KLEIN, M. O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas (1945). In. **Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 413-464.

KLEIN, M. O luto e as suas relações com o estado maníaco-depressivo (1940). In. **Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 385-412.

KLEIN, M. Uma contribuição da psicogênese dos estados maníaco-depressivo (1935). In. **Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 301-329.

KLEIN, M. Uma contribuição da psicogênese dos estados maníaco-depressivo (1935). In. **Obras completas de Melanie Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 301-329.
Klein: Volume I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 214-227.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Trad. Pedro Tamen. 4ª ed. São Paulo: Martins, 2016.

MONZANI, Luiz Roberto. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas/SP: Edunicamp, 2014.

PETOT, Jean-Michel. **Melanie Klein I – Primeiras descobertas e primeiro sistema 1919-1932**. Coleção Estudos. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.

SEGAL, Hanna. Introdução à obra de Melanie Klein. In: **Introdução à obra de Melanie Klein**. 1975.

SPILLIUS, Elizabeth Bott et al. **The new dictionary of Kleinian thought**. Routledge, 2011.

ZALCBERG, Malvine. **A relação mãe & filha**. Gulf Professional Publishing, 2003.